

Rita Gouveia
Ana Nunes de Almeida

Introdução

Cá dentro inquietação, inquietação
É só inquietação, inquietação
Porquê, não sei
Porquê, não sei
Porquê, não sei ainda

Há sempre qualquer coisa que está pra acontecer
Qualquer coisa que eu devia perceber
Porquê, não sei
Porquê, não sei
Porquê, não sei ainda

Ensinas-me fazer tantas perguntas
Na volta das respostas que eu trazia
Quantas promessas eu faria
Se as cumprisse todas juntas

Não largues esta mão no torvelinho
Pois falta sempre pouco pra chegar
Eu não meti o barco ao mar
Pra ficar pelo caminho

José Mário Branco, 1982,
«Inquietação», in *Ser Solidário*

À partida

Sob o choque da onda pandémica e movidos pela inquietação, dez investigadores oriundos de diferentes campos disciplinares das ciências sociais tomaram a decisão de lançar um inquérito¹ que permitisse captar, em março de 2020, os impactos da COVID-19 nas diversas esferas da vida social dos indivíduos e das famílias em Portugal. À data surgiam inquéritos na área da saúde pública e da economia, eixos essenciais para compreender o fenómeno pandémico. Mas faltavam estudos que averiguassem a dimensão da coesão e do bem-estar social para completar o terceiro vértice deste triângulo (saúde-economia-sociedade). Confinados em casa, em teletrabalho, este projeto alimentou-nos entusiasmo e iniciativa num dia a dia cujo controlo nos parecia escapar.

O inquérito decorreu entre os dias 25 e 29 de março de 2020. Portugal encontrava-se numa fase muito embrionária da pandemia, correspondente ao primeiro estado de emergência (18 de março a 2 de abril de 2020), que impôs o dever obrigatório de recolhimento domiciliário, limitou a mobilidade e os contactos face-a-face, estabeleceu normas de distanciamento físico e restrições à circulação de pessoas, bem como ditou o encerramento de todos os serviços e atividades profissionais não considerados essenciais (empresas e escolas, entre outros).

Num cenário de desconhecimento, assombro e incerteza, importava-nos compreender de que forma as pessoas estavam a reagir a tal «terramoto pandémico», nomeadamente como se adaptavam às restrições nos seus quotidianos, como lidavam com a experiência de confinamento e em que medida já estavam a sentir os efeitos de todas estas alterações na sua situação financeira, profissional, familiar, doméstica, psicológica e cívica.

Constituiu-se, assim, uma equipa multidisciplinar com investigadores das áreas de sociologia, ciência política, psicologia social, geografia e história, pertencentes ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-Ulisboa) e ao Instituto Universitário de Lisboa (Iscte-IUL). A equipa era composta por Pedro Magalhães, Rita Gouveia, Rui Costa Lopes e Pedro Adão e Silva (coord.),

¹ O questionário encontra-se disponível na versão ebook deste livro no site da Imprensa de Ciências Sociais: <https://www.ics.ulisboa.pt/imprensa/loja>.

Ana Nunes de Almeida, Karin Wall, João Ferrão, João Mourato, José Manuel Sobral e José Santana Pereira.

Esta experiência foi também peculiar do ponto de vista científico, na medida em que montar um inquérito em situação de emergência social obrigou a um aceleração do ritmo de pesquisa e ao atropelamento de algumas etapas que, no decurso de um projeto de investigação em registo de ciência «normal», costumamos percorrer. Entre elas, a revisão de literatura e a definição de um modelo teórico que enquadrasse as questões empíricas, o levantamento de instrumentos, escalas e indicadores validados para medir as dimensões pretendidas, a pré-testagem do instrumento de recolha, a definição dos critérios de amostragem em função da população de referência e o planeamento de uma estratégia eficaz de divulgação do inquérito. O que estava a acontecer debaixo dos nossos olhos, porém, era demasiado brutal e apelativo para não decidirmos avançar «a quente», munidos – ainda sim, sublinhe-se – da nossa experiência científica (longa, consolidada) nos vários tópicos que decidimos incluir na análise.

Face a todos os constrangimentos, montámos em tempo real um inquérito multidimensional que permitisse captar os impactos da pandemia nas diferentes esferas da vida social, combinando metodologias quantitativas e qualitativas e procurando aprofundar uma visão diferenciada dos efeitos da pandemia. Foi num cenário de urgência, em que nós próprios nos confrontávamos também com o turbilhão pandémico, que lançámos o inquérito *online Estudo ICS/Iscte – COVID-19: O Impacto Social da Pandemia*, entre 25 e 29 de março de 2020. Um primeiro relatório, com resultados preliminares, foi elaborado e divulgado em abril de 2020 (Magalhães *et al.* 2020).

Este livro partiu dos resultados então obtidos, focando-os, porém, em dimensões da esfera privada. São as famílias, os seus quotidianos, alguns grupos etários ou franjas vulneráveis da população que constituem os protagonistas maiores destas *Vidas Confinadas*. O fio condutor de todos os contributos aqui reunidos é relativamente próximo: depois de uma caracterização estatística geral (em que se apresenta, em traços largos, um certo recanto da realidade), aproxima-se o olhar à sua contextualização e desmonta-se a sua diversidade (a partir de variáveis sociodemográficas clássicas); em alguns capítulos mergulha-se em profundidade e dá-se voz aos inquiridos, recorrendo aos seus testemunhos escritos nas respostas às perguntas abertas do inquérito. As palavras «vindas de dentro» cruzam-se,

assim, com os indicadores estatísticos, construídos «de fora». Em certo sentido, ler este livro representa uma visita a uma exposição de retratos sociais, pintados de cores muito distintas e reveladores de uma sociedade profundamente desigual, dramaticamente exposta às vicissitudes de duas crises que se sucederam próximas no tempo (a de 2008 e, agora, a da pandemia, aterradora, cujo desenlace então por completo se desconhecia). A pandemia veio pôr a nu e acentuar vulnerabilidades já instaladas no tecido social português mas, também, desencadear outras em estado latente que então surgem à luz do dia sob novas formas.

O livro consta de seis capítulos. No primeiro, «Perfis sociais de impacto da pandemia COVID-19», escrito por Rita Gouveia e Vasco Ramos, constroem-se e caracterizam-se quatro perfis sociais de impacto social da pandemia, mobilizando não só dimensões de natureza material (de índole profissional, económica e habitacional), como também subjetiva (a perceção dos indivíduos face às restrições impostas). Os perfis associam-se a características sociodemográficas dos indivíduos (desde logo, idade, escolaridade e situação profissional, bem como a composição do agregado em que se inserem). Logo em março de 2020 as desigualdades surgem claramente ilustradas em quatro perfis diferentes: os vulneráveis-constrangidos (agregando 29% dos inquiridos); os confortáveis-descontraídos (28%); os confortáveis-constrangidos (24%); os apreensivos-constrangidos (19%). Tudo levava a crer que o tempo viria a acentuar – e não atenuar – estas clivagens.

O capítulo 2 intitula-se «O confinamento à lupa em quatro perfis: experiências no presente, perceções do futuro». Partindo dos quatro perfis construídos no capítulo anterior, Ana Horta, Maria Manuel Vieira e Ana Nunes de Almeida aprofundam-nos não só através de uma sociografia caracterizadora das suas coordenadas sociais mais ilustrativas como, também, recorrendo a respostas abertas dos inquiridos a duas questões do inquérito – uma referindo-se ao presente (as práticas do quotidiano, o que tinha sido «mais fácil» e «mais difícil» no que toca a lidar com as restrições); a outra sobre as preocupações que sentiam face ao futuro (mais gerais ou concretamente focadas no dia a dia). De novo, captam-se os sinais de uma realidade profundamente desigual, associada não só às condições materiais que enquadram os bastidores das vidas individuais, como ainda à etapa do ciclo de vida familiar em que os inquiridos se encontram.

O capítulo 3 pretende debater uma questão: «Vidas suspensas? Os jovens em confinamento pandémico». As autoras – Maria Manuel Vieira, Ana Sofia Ribeiro e Ana Nunes de Almeida – procuram descrever e compreender os impactos da pandemia na população juvenil (18-24 anos) captada pelo inquérito. Justamente, este grupo foi surpreendido pelas restrições profiláticas em plena transição para a vida adulta e viu-se impedido de desfrutar plenamente da sua condição juvenil. Liberdade de movimentos, ritos de passagem e convivialidade em grupo (saídas à noite, viagem de finalistas, «queima das fitas», o «junta-te à tribo» dos festivais de verão, a saída de casa dos pais/local de residência e autonomização residencial...) são abruptamente interrompidos e os seus protagonistas veem-se enclausurados entre as quatro paredes da casa familiar, sob o olhar permanente dos adultos tutelares. E, para os estudantes, os próprios percursos escolares, com a imposição do ensino remoto e a crise de emprego, são objeto de angústia e apreensão. Para além de uma breve caracterização sociodemográfica do grupo de jovens inquiridos, o capítulo conduz-nos (através do recurso às narrativas produzidas no quadro da resposta a perguntas abertas) por uma incursão a diferentes facetas do presente confinado e termina com as perceções dos impactos que este momento de suspensão do mundo pode trazer no futuro.

O capítulo 4, «Os seniores durante o confinamento: reações, adaptações e confiança», escrito por Alda Botelho Azevedo e Pedro Moura Ferreira, é especificamente dedicado ao grupo etário que se encontra no outro extremo da escala: os seniores, a população de 65 ou mais anos – a qual, na esmagadora maioria e ao contrário da anterior, estimava ser fácil ou muito fácil lidar com as restrições, o que certamente se relaciona com o facto de grande parte já se encontrar reformada e, portanto, o seu quotidiano não se ter alterado substancialmente com a pandemia, bem como porque não teve de mudar de residência com o confinamento. O tipo de agregado doméstico em que os indivíduos vivem e o género constituem desde logo fatores de diversidade interna da população. E aqui nota-se também a importância do nível de recursos materiais disponíveis: os seniores que vivem em situação económica mais desafogada estão menos preocupados com as restrições do que aqueles que já foram afetados financeiramente ou preveem ter de aumentar as despesas nos meses seguintes.

Depois de perfis sociais e de grupos etários (jovens e seniores), são os agregados domésticos que constituem a unidade de análise do capítulo 5, «Famílias, confinamento e vulnerabilidades: uma leitura a partir dos agregados domésticos». Os autores – Rita Gouveia, Sofia Marinho, Susana Atalaia e Vasco Ramos – procuram caracterizar a sua diversidade, bem como identificar os principais impactos e vulnerabilidades relacionais, sociais e económicas que decorrem das medidas de contenção da pandemia nos vários arranjos (unipessoais, monoparentais, casais com ou sem filhos, várias pessoas, complexos e intermitentes). Dado que os agregados domésticos com crianças, adolescentes e jovens foram particularmente afetados pelas novas solicitações sociais, uma especial atenção é dedicada à análise de quotidianos e dificuldades sentidas pelas famílias monoparentais e recompostas jovens durante o confinamento. Cruzando quer indicadores resultantes de tratamento estatístico dos dados, quer testemunhos de inquiridos, deparamo-nos com uma realidade complexa e muito heterogénea, em que a interdependência relacional e multidimensional das vidas humanas surge em toda a sua força (e fragilidade).

«Alimentação confinada: os efeitos da pandemia COVID-19 na vida quotidiana» é o último capítulo desta coletânea. Fábio Rafael Augusto e Mónica Truninger analisam o impacto das restrições nos hábitos alimentares de indivíduos e famílias. Centrando-se sobretudo nas respostas abertas que articulam questões alimentares com as mencionadas restrições, são explorados: aspetos relacionados com a aquisição de bens alimentares; a preparação e confeção das refeições; as redes de apoio; as sociabilidades, comensalidade e participação social; as estratégias adaptativas e expressões de criatividade nas práticas alimentares; as alterações nos hábitos alimentares. A análise possui um carácter eminentemente qualitativo, sendo atribuído destaque à pluralidade de opiniões, atitudes, práticas e estratégias que emergiram durante o período de confinamento.

Privilegiando a esfera privada, eis-nos, assim, perante um retrato multifacetado de condições sociais, práticas quotidianas e perspetivas face ao futuro vividas por indivíduos e famílias na primeiríssima etapa da pandemia COVID-19 em Portugal. Trata-se de um corte no tempo e de uma amostra não representativa da população portuguesa. Ainda assim, a riqueza da informação recolhida dá claros sinais da gravidade dos impactos da crise e das suas sequelas duradouras em múltiplos laços do tecido social.